

Lucas Debargue



GULBENKIAN
MÚSICA

23 abr 2019

Ciclo de Piano

23 ABRIL
TERÇA

20:00 — Grande Auditório

Lucas Debargue Piano

Fryderyk Chopin

Polaca n.º 6, em Lá bemol maior, op. 53

Barcarola em Fá sustenido maior, op. 60

Scherzo n.º 2, em Si bemol menor, op. 31

Noturno em Dó menor, op. 48 n.º 1

Scherzo n.º 1, em Si menor, op. 20

INTERVALO

Karol Szymanowski

Sonata para Piano n.º 2, em Lá maior, op. 21

Allegro assai (Molto appassionato)

Tema e variações: Allegretto tranquillo (Grazioso)

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Mais conta de livros. Por isso, casa.

MECENAS
CICLO PIANO


pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Classical  Futures.eu



Duração total prevista: c. 1h 45 min.
Intervalo de 20 min.

Fryderyk Chopin

Zelazowa Wola, 1 de março de 1810
Paris, 17 de outubro de 1849

Polaca n.º 6, em Lá bemol maior, op. 53

COMPOSIÇÃO: 1842

DURAÇÃO: c. 7 min.

Na visita que ora propõe a diferentes etapas do percurso criativo de Fryderyk Chopin, o pianista francês Lucas Debargue selecionou, como peça de abertura, a Polaca n.º 6, em Lá bemol maior, op. 53, obra muito apreciada pelo público melómano, que lhe atribui também a designação de “Polaca heroica”. A veemência da escrita virtuosística de Chopin aparece aqui emoldurada por uma aura majestosa e solene, evocativa dos grandes salões coevos e das múltiplas interações sociais que neles tinham lugar. Dedicada ao banqueiro e amigo do compositor, August Leo, de origem germânica mas radicado em Paris, a partitura foi concluída em 1842, a par com várias outras obras para piano solo, entre mazurcas, noturnos e valsas. As majestosas frases cromáticas do início da composição servem de prelúdio a uma vasta dança estilizada, a qual evolui através da variação permanente dos complexos melódicos e rítmicos. A obra prossegue com episódio mais calmo, logo sucedido por nova secção na tonalidade de Mi maior, caracterizada pelas sequências repetidas de semicolcheias, às quais Chopin imprimia grande delicadeza, de acordo com os relatos coevos.

Barcarola em Fá sustenido maior, op. 60

COMPOSIÇÃO: 1846

DURAÇÃO: c. 9 min.

A posterior Barcarola em Fá sustenido maior, op. 60, foi concluída no verão de 1846 e dedicada à baronesa Charlotte von

Stockhausen, esposa do embaixador de Hanôver em França, que a interpretou em recital realizado a 16 de fevereiro de 1848. Neste fresco de arte pianística romântica, Chopin tomou como eixo inspirador o ritmo típico das canções entoadas pelos gondoleiros venezianos nos constantes trajetos efetuados pelos canais da conhecida cidade italiana. A esta componente juntam-se outras influências da música italiana, tais como a profusão de motivos e os acentuados contrastes harmónicos. Do ponto de vista da forma, a peça estrutura-se em três secções, tal como a maioria dos Noturnos, com a repetição modificada da primeira secção.

Scherzo n.º 2, em Si bemol menor, op. 31

COMPOSIÇÃO: 1837

DURAÇÃO: c. 10 min.

À imagem dos restantes três Scherzos de Chopin, o Scherzo n.º 2, em Si bemol menor, op. 31, distancia-se do modelo estereotipado da sonata clássica para se revestir de grande identidade estética e estilística. Foi composto em 1837, no seguimento do Scherzo n.º 1, em Si menor, o qual será também interpretado no presente recital. Dedicado à aristocrata Adèle de Furstenberg, a obra explora os traços de escrita do Scherzo anterior, maturando as linhas melódicas e fazendo apelo a uma tonalidade rara, com cinco bemóis na armação de clave, o que obriga o intérprete a recorrer constantemente àquelas que Chopin considerava serem as posições mais naturais para a mão humana – por sinal também as mais exigentes, do ponto de vista da técnica pianística.



Noturno em Dó menor, op. 48 n.º 1

COMPOSIÇÃO: 1841

DURAÇÃO: c. 6 min.

Do outono de 1841 datam os dois Noturnos que integram o op. 48, tendo a primeira edição aparecido em Paris no mês de novembro, com dedicatória a uma das alunas diletas do compositor, Laure Duperré. O Noturno em Dó menor, op. 48 n.º 1, inspira-se no modelo lançado pelo pianista irlandês John Field (1782-1837), desenhando longa e expressiva melodia na mão direita, sobre acompanhamento em acordes simples da mão esquerda, do que resulta um edifício sonoro de carácter preponderantemente sereno e meditativo. Aproximando-se da conceção de Liszt em *Pensée des morts*, Chopin recorre à textura de tipo coral para gerar um crescendo emocional que culmina num patamar de beleza melódica sem precedentes. É com a singeleza de uma frase ascendente, no registo agudo, que Chopin encerra esta página admirável da sua produção pianística.

Scherzo n.º 1, em Si menor, op. 20

COMPOSIÇÃO: 1832

DURAÇÃO: c. 10 min.

De cerca de 1832 data o Scherzo n.º 1, em Si menor, op. 20, obra que o músico dedicou a um dos seus melhores amigos, Thomas Albrecht, o qual desempenhava funções no consulado da Saxónia, em Paris. Nesta primeira incursão pelo género, renovado sob a forma de peça de carácter, Chopin dá largas à sua extraordinária verve pianística e à necessidade que sentia de inovar, tanto por via dos temas, como por via das atmosferas harmónicas, que atingem aqui elevado grau de rebuscamento e audácia. Apoiada numa solução formal de sonata, com extenso desenvolvimento, a peça evolui por entre contrastes e passagens de grande lirismo melódico. Para o final, Chopin reservou uma secção marcada *Risolto e sempre più animato*, a qual era antecipada com *tempo rubato* por Chopin, de acordo com o testemunho do seu aluno Karol Mikuli, por forma a reforçar o surpreendente desfecho da partitura.



KAROL SZYMANOWSKI, C. 1935 © DR

Karol Szymanowski

Tymoszówka, 6 de outubro de 1882
Lausanne, 29 de março de 1937

Sonata para Piano n.º 2, em Lá maior, op. 21

COMPOSIÇÃO: 1911

ESTREIA: Berlim, 1 de dezembro de 1911

DURAÇÃO: c. 27 min.

Segunda das três sonatas para piano compostas pelo compositor polaco Karol Szymanowski, a Sonata em Lá maior, op. 21, teve origem entre 1910 e 1911, num momento de fusão entre o pós-romantismo e as novas tendências do modernismo musical. Szymanowski enveredou por um caminho de grande ecletismo nesta sua segunda sonata, conjugando elementos da tradição romântica com um veio técnico e idiomático extremamente pessoal, o qual veio efetivamente a alargar as fronteiras do género musical em causa.

Qual pilar estruturador de ampla forma de sonata, o primeiro tema emerge em oitavas ascendentes, desde os compassos iniciais do primeiro andamento, *Allegro assai*. A cada momento, a textura sonora torna-se mais densa, com a proliferação de efeitos de textura, sequências de acordes e harpejos audaciosos, num desafio constante à concentração do intérprete. O segundo tema é exposto sob a indicação *Quasi andante*, estabelecendo marcado contraste com o primeiro, através do seu carácter meditativo e solene. Numa solução sem precedentes, Szymanowski agrega o breve desenvolvimento à recapitulação, criando um contínuo de tempo sonoro em que se mesclam

fragmentos dos temas anteriores e novos agregados motivicos marcados pela dissonância e pela ambiguidade tonal. Na secção final, ressoam os ecos do virtuosismo lisztiano, num gesto de homenagem ao grande pianista e compositor húngaro. A forma escolhida para o segundo andamento pertence também ao cânone da música europeia: trata-se do tema e variações que, neste caso, tem como corolário uma fuga a quatro vozes. O tema de partida é ligeiro e despreocupado, apesar da teia harmónica que o envolve, em constante mutação. Sucodem-se depois oito variações divididas em dois grupos; o primeiro agitado e dinâmico, com várias passagens cromáticas; o segundo de natureza tendencialmente diatónica, partindo de um patamar sereno e contemplativo e promovendo depois o jogo de dinâmicas e os contrastes bruscos de escrita. Momento alto da composição, a fuga irrompe a partir da junção de fragmentos do tema inicial, num apelo reconhecível ao desprendimento da tonalidade, já anunciado pela escola austríaca de Arnold Schönberg. Neste quadro estilizado da antiga forma barroca, Szymanowski lança ao intérprete o desafio mais difícil, culminando sobre longa e triunfal peroração.

Lucas Debargue

Piano



O pianista francês Lucas Debargue revelou-se ao grande público no 15.º Concurso Internacional Tchaikovsky, realizado em Moscovo em junho de 2015. Embora terminando em 4.º lugar, foi o único candidato a receber o cobiçado *Moscow Music Critic's Prize*, sendo então considerado o pianista “cuja visão artística e liberdade criativa impressionaram os críticos e o público”. Após este auspicioso início, foi sendo sucessivamente convidado a tocar a solo e a colaborar com importantes orquestras, apresentando-se em prestigiados palcos como o Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, o Teatro Mariinsky de São Petersburgo, o Théâtre des Champs-Élysées, a Salle Gaveau e a Philharmonie de Paris, o Conservatório de Milão, o Wigmore Hall e o Royal Festival Hall de Londres, o Concertgebouw de Amesterdão, o Prinzregentstheater de Munique, a Philharmonie de Berlim, o Konzerthuset de Estocolmo ou o Carnegie Hall de Nova Iorque, sob a direção de maestros como V. Gergiev, A. Boreyko, M. Pletnev, V. Spivakov, Y. Sado e T. Sokhiev. Lucas Debargue nasceu em 1990 e começou a estudar piano aos onze anos. Em paralelo com a exploração do repertório

pianístico, diplomou-se em Literatura pela Universidade Diderot Paris VII, tendo também concluído uma pós-graduação em Arte. Aos vinte anos surgiu a oportunidade de ingressar na classe da professora Rena Shereshevskaya, na École Normale de Musique de Paris Alfred Cortot, o que viria a determinar a sua decisão de se tornar pianista profissional. Em 2014 venceu o 9.º Concurso Internacional de Piano Gaillard (França) e em 2016 obteve o *Diplome Supérieur de Concertiste* e um Prémio Especial Cortot. Músico dotado de grande curiosidade e deslumbrante poder de comunicação, Lucas Debargue enriquece a sua inspiração com a literatura, a pintura ou o cinema, desenvolvendo uma visão musical muito pessoal. Para além da interpretação das obras consagradas do repertório pianístico, toca também peças de compositores menos conhecidos como Nikolai Medtner, Nikolai Roslavets ou Milosz Magin, e também as suas próprias composições. Gravou três álbuns para a Sony Classical: Scarlatti, Chopin, Liszt, Ravel (2016); Bach, Beethoven, Medtner (2016), e Schubert, Szymanowski (2017). Em 2017 recebeu o prestigioso prémio alemão *ECHO Klassik*.

Juntos na paixão pela cultura

pwc

Acreditamos no impacto que a cultura tem, pois ela é essencial no desenvolvimento de uma sociedade. Um dos desafios da PwC Portugal passa por acrescentar valor aos nossos clientes através de um serviço de qualidade nas áreas de auditoria, assessoria de gestão, fiscalidade e formação de executivos.



Conheça-nos melhor em www.pwc.pt



158
países



236.235
colaboradores



736
escritórios

Siga-nos     

© 2018 PricewaterhouseCoopers & Associados - Sociedade de Revisores Oficiais de Contas, Lda. Todos os direitos reservados. PwC refere-se à PwC Portugal, constituída por várias entidades legais, ou à rede PwC. Cada firma membro é uma entidade legal autónoma e independente. Para mais informações consulte www.pwc.com/structure.

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo.
A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
400 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Abril 2019

